

EXPOSIÇÃO

OLISIPÓGRAFOS

os cronistas de Lisboa

26 set. - 30 dez. '23

Biblioteca Nacional de Portugal





Evocação dos Cronistas de Lisboa, Norberto de Araújo, Luís Pastor de Macedo, Gustavo de Matos Sequeira, Augusto Vieira da Silva e Luís Teixeira AML, Ferreira da Cunha, 1947

Com a publicação de *Lisboa Antiga – o Bairro Alto de Lisboa* em 1879, Júlio de Castilho (1840-1919) deu o mote para a afirmação de um novo género histórico-literário dedicado à cidade de Lisboa, posteriormente identificado por *Olisipografia*. No prefácio à primeira edição, o autor assumiu que “a história de Lisboa esta[va ainda] por escrever” pois “a não ser escritos dispersos e incompletos, embora eruditos e valiosos, nada temos coordenado e deduzido” (CASTILHO, 1879: iii-iv). Consciente deste vazio, Castilho propôs-se a estudar os bairros da capital sob diferentes perspetivas, histórica, arqueológica, artística, literária e genealógica, recorrendo a uma literatura histórico-popular com raízes em França nas décadas de 1840 e 1850 (FIORI, 2012). Mais literário ou mais erudito, este novo género aliou as histórias de feição mais popular sobre a cidade antiga com as de cariz eminentemente histórico-científicas. Apresentadas por meio da aproximação topográfica e com narrativas que combinam a história anedótica de lugares e personagens com a investigação e fontes de arquivo, privilegiaram as memórias na construção e valorização histórica dos bairros, em detrimento da arquitetura como testemunho isolado de uma civilização passada (FIORI, 2012; BENJAMIN, 1989).

A sistematicidade e novidade das obras de Júlio de Castilho abriram caminho ao surgimento de outros investigadores que o procuraram seguir. Numa primeira fase, juntaram-se-lhe Gomes de Brito (1843-1923), Pinto de Carvalho “Tinop” (1858-1936), Augusto Vieira da Silva (1869-1951), Gustavo de Matos Sequeira (1880-1962), Norberto de Araújo (1889-1952) e Luís Pastor de Macedo (1901-1971). Todos eles direccionaram as suas pesquisas para áreas de conhecimento só vagamente afloradas por Castilho, legando à *Olisipografia* uma das suas principais características, a heterogeneidade temática e metodológica.

Assim, Gomes de Brito e Pastor de Macedo desenvolveram, à distância de décadas, pesquisas sobre a toponímia de Lisboa; Tinop elegeu como principal campo de trabalho o estudo dos costumes e tradições populares da cidade (o fado e outras canções populares, as festas e bailes, os cafés...); Vieira da Silva dedicou parte considerável da sua carreira às cercas defensivas de Lisboa, assentando os seus estudos numa metodologia científica advinda da sua formação em engenharia militar; Matos Sequeira elegeu diferentes campos disciplinares como área de estudo, alguns dos quais



CML | DMC | DPC | José Vicente, 2015

ultrapassaram os campos disciplinares da história e da arqueologia (o teatro, o traje e a literatura); e Norberto de Araújo alicerçou o desenvolvimento do seu trabalho na formação jornalístico-literária, norteando-o pelo tom coloquial que tornou a mensagem acessível e apelativa, e convidando o leitor a percorrer as ruas de Lisboa e a embrenhar-se na sua história.

Um dos primeiros e mais importantes grupos de estudos histórico-artísticos de Lisboa foi criado em 1912 na Associação dos Arqueólogos Portugueses (secção de *Archeologia Lisbonense*). Dois anos depois, os seus membros tomaram a iniciativa de organizar a Exposição Olisiponense, que marcou o primeiro momento de divulgação pública da história de Lisboa, suas obras escritas e suas peças artísticas e arqueológicas. No entanto, o pleno desenvolvimento da Olisipografia viria a ocorrer apenas duas décadas depois, por ação da Câmara Municipal de Lisboa e de Luís Pastor de Macedo, seu vereador (1932-1935) e vice-presidente (1947-1959). Em 1933 propôs a criação de um pelouro dos Serviços Culturais que, considerava, deveria «estimular o gosto pela Arte e pelas Letras, auxiliar os artistas [...], adquirindo por encomenda as suas produções,

e distribuir prémios aos melhores trabalhos literários de carácter olisiponense [e] formar um fundo especial de olisipografia na Biblioteca do Palácio Galveias.» (MACEDO, 1933: 25)

Pastor de Macedo rapidamente estruturou um plano concertado com o objetivo de afirmar a Olisipografia, aproximando-a de um domínio cada vez mais alargado da cultura e da sociedade lisboetas. Embora não tenha criado, de forma oficial, a figura do cronista da cidade (à semelhança do que se verificava em Madrid e Paris), procedeu a uma estratégia de profissionalização informal do historiador da cidade (*o olisipógrafo*), assente na exaltação e divulgação das suas obras através da publicação de dezenas de estudos e da organização de conferências para um vasto público, num processo que, em algumas iniciativas, se aproximou da ideia de *Política do Espírito*, enunciada pela primeira vez por António Ferro em 1932.

Os olisipógrafos (nomeadamente Vieira da Silva e Matos Sequeira) passaram a ser considerados *especialistas* e a sua opinião foi considerada na tomada de diversas decisões sobre o futuro da cidade. Chamados para a composição

da maioria das comissões históricas, patrimoniais e literárias, influenciaram consideravelmente alguns aspetos do panorama cultural de Lisboa do segundo terço do século XX.

Logo na década de 1930, o Pelouro dos Serviços Culturais foi responsável pela publicação (ou republicação) de muitas das obras fundamentais da Olisipografia, acompanhadas pela *Revista Municipal*, que, durante as quase quatro décadas de atividade, se constituiu num dos principais repositórios de estudos da cidade. Foram também enunciadas as ideias para a criação de dois elementos considerados indispensáveis para o desenvolvimento da Olisipografia: o Curso e o Gabinete de Estudos Olisiponenses. Produzido em articulação com a Universidade de Lisboa, o primeiro serviria para formar novos olisipógrafos; e o segundo para os auxiliar nos seus estudos, ao favorecer a sistematização e reunião de elementos bibliográficos, iconográficos ou documentais respeitantes a Lisboa. Simultaneamente, em 1936 foi criado o Grupo Amigos de Lisboa.

Embora tenha sido fundado para suprir o vazio deixado pela extinção da Secção de Estudos Lisbonenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses, adotou outro rumo ao privilegiar a divulgação do conhecimento a um público mais alargado em detrimento de uma postura eminentemente fechada e maioritariamente voltada para a academia. O Grupo foi constituído pela maioria dos olisipógrafos em atividade e ainda por figuras eminentes e por membros anónimos das mais diversas áreas da sociedade, afirmando-se também como um agente fundamental na engrenagem da Olisipografia. A sua ligação à cidade e à população fez-se sobretudo através das muitas visitas e conferências guiadas que organizou, dos livros que editou e do seu boletim *Olisipo*, ativo há 85 anos e contando com quase 200 números.

O interesse crescente e renovado pela cidade e pela temática urbana, enquanto forças catalisadoras, gerou novas reações, novos interesses, diferentes modos de perceção e novas abordagens, começando paulatinamente a emergir no universo académico pela mão de José-Augusto França, quando no ano de 1962 defendeu na Universidade de Sorbonne a tese *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Com este trabalho inaugurou-se simbolicamente um outro tempo da Olisipografia, feita a partir de trabalhos e problemáticas académicas, escrita por investigadores e discutida entre pares.

A Exposição

A exposição *Olisipógrafos. Os Cronistas de Lisboa* realiza-se no âmbito da primeira fase do projeto com o mesmo nome e que teve como principal critério na escolha dos olisipógrafos, a sistematicidade plasmada no número de obras editadas por cada um deles. Numa segunda fase prevê-se a inclusão e estudo de um número mais alargado de investigadores em atividade. Este projeto resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal de Lisboa e o Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa). A exposição conta com dois núcleos: no primeiro apresentam-se os principais olisipógrafos, dando-se a conhecer as suas motivações, características e principais obras. No segundo apresentam-se os principais agentes (Câmara Municipal de Lisboa e Grupo Amigos de Lisboa) e traça-se a evolução da Olisipografia ao longo dos tempos e nos seus diversos formatos (periódicos, livros, iniciativas várias), procurando-a trazer até à atualidade nas vitrinas *Historiografia da Olisipografia e Olisipografia Científica (Dissertações e Teses)*, na qual se apresentam alguns dos principais estudos históricos de Lisboa produzidos nas universidades desde 1962.

BENJAMIN, Walter (1989) - *Charles Baudelaire: A Lyric Poet in the Era of High Capitalism*. Londres: Verso. Trad. do original alemão de 1969

CASTILHO, Júlio de (1897) - *Lisboa Antiga – O Bairro Alto de Lisboa*, Editora A. M. Pereira

FIORI, Ruth (2012) - *L'invention du vieux Paris. Naissance d'une conscience patrimoniale dans la capitale*. Paris: Mardaga

MACEDO, Luís Pastor de (1933) - *Boletim da Câmara Municipal de Lisboa*, Ano VII – nº 331, Sessão da Comissão Administrativa realizada em 11 de maio de 1933